

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
URI ZOHAR – INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA
12 e 17 de outubro de 2023

METZITZIM “Os Voyeurs” / 1972

um filme de Uri Zohar

Realização: Uri Zohar / Argumento: Uri Zohar com a colaboração nos diálogos de Arik Einstein / Direção de fotografia: Adam Greenberg / Assistência de imagem: Amnon Israeli / Fotografia de cena: Alona Einstein / Montagem: Avi Lifshitz / Música: Shalom Hanoch / Com: Arik Einstein (Eli), Uri Zohar (Gutte), Sima Eliyahu (Mili), Mona Silberstein (Dina), Zvi Shissel (Davidke), Mordechai Ben-Ze'ev (Altman Sr.), Moti Mizrahi (Altman Jr.), Motti Levi (Avi), Mordechai Arnon (taxista), Margalit Ankory (Ruthie), Zvia Doron (mulher que desmaia), Eddie Cogan (cantor), Aharonchik (nadador-salvador), Esther Zewko (secretária), Tova Farber (rapariga da rua).

Produção: Uri Zohar, Itzik Kol / Empresas produtoras: Zohar Desha Ltd. / Cópia: 35mm, colorida, falada em hebraico e legendada eletronicamente em português / Duração: 90 minutos / Primeira apresentação pública: Israel, 1972 / Estreia internacional: Festival de Cinema de Berlim, junho de 1973 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Sessão de dia 12 apresentada por Ariel Schweitzer.

Metzitzim começa com um número de magia. Um prestidigitador saca sucessivos lenços coloridos e, com um passe de mão, faz brotar deles pombas brancas, umas atrás das outras, em plano contínuo. Trata-se do número de abertura para um concerto de uma banda local que acaba por não acontecer, terminando tudo num chavascal de adolescentes enfurecidos que se assemelha, em certo momento, a um apocalipse *zombie*. Este início é bastante significativo para aquilo que Uri Zohar põe em marcha nesta que é a sua sétima longa-metragem para cinema, a saber, uma relação de espanto perante o mundo, o fascínio do olhar, o palco como espaço de atuação e a fúria destruidora da frustração (também sexual). Até certo ponto, é possível tresler, nesta cena de abertura, um dos elementos essenciais do cinema do realizador israelita, uma consciência *performativa* da existência que entende a vida como um número de palco, como um espetáculo permanente.

Recorde-se que Zohar se formou em filosofia e que o seu primeiríssimo filme, a curta-metragem **Targil Be'smalim Pshutim**, “Variações de Símbolos Simples”, de 1961, é uma “adaptação” do ensaio *Sobre o Teatro de Marionetas* de Heinrich Von Kleist, livro no qual o escritor alemão constrói, a partir de uma análise comparativa entre o movimento da marioneta e do próprio bailado do marionetista, um prolongamento da filosofia kantiana em torno da oposição entre sujeito e objeto. O certo é que **Metzitzim** se organizará, de forma sistemática, em torno do “espetáculo da vida”, isto é, segundo um entendimento do quotidiano que procura recortar os elementos que dele se destacam pelo seu valor contemplativo, atrativo ou de divertimento – se no filme isso se cinge, quase sempre, ao sexo, diz mais do momento histórico (a revolução sexual pós-Maio de 68) e do contexto social (o tabu judaico-cristão em torno do sexo) do que qualquer outra coisa.

Não é, pois, por acaso que embora o título hebraico se refira à praia, na costa a sul de Telavive, tanto o título francês (“Les Voyeurs”) como o título anglo-saxónico (“Peeping Toms”) se refiram à “curiosidade patológica por tudo o que é privado ou íntimo”, também denominada mixoscopia. O *voyeurismo* está na base deste filme e é possível entendê-lo (ao filme) como uma série de variações em torno das possibilidades transfiguradoras do olhar. Isso acontece num primeiro nível diegético através das várias personagens que, ao longo do filme e em diferentes situações, aproveitam

pequenos orifícios para espreitar lascivamente um casal que copula ou um balneário público. Porém, a dimensão *voyeur* complexifica-se com a autorreferencialidade.

Os dois protagonistas do filme, o nadador-salvador preguiçoso Gutte e o guitarrista descontente Eli, são interpretados, respetivamente, pelo próprio Uri Zohar e por Arik Einstein, o mais famoso músico israelita da sua geração, amicíssimo do realizador e que protagoniza sete das onze longas-metragens do cineasta. Talvez ainda mais do que noutros filmes, em **Metzitzim** o jogo de espelhos entre as personalidades públicas e as personagens fictícias é, no mínimo, labiríntico. Mais ainda quando o “palco” onde decorre a maior parte da ação, um pequeníssimo bar de praia, era o ponto de encontro do chamado “grupo LOOL” – o núcleo que produziu a muito popular série de comédia feita para a televisão israelita entre 1969 e 1972. Nesse sentido, **Metzitzim** apareceu, logo após esse sucesso televisivo, como um sugestivo levantar de véu sobre a intimidade criativa de Zohar e companhia. A juntar a isso, o filme recobre-se (ou descobre-se) de uma terceira capa de *voyeurismo* quando, em 2014, uma investigação jornalística veio levantar suspeitas sobre o tratamento da atriz principal Mona Silberstein, em particular na cena de tentativa de violação.

Assim, é impossível não ver em **Metzitzim** o reflexo de um certo modo de estar marialva, de uma certa cultura *macho* que perpassa a obra de Uri Zohar a partir de meados dos anos 1960. Como defende Ariel Schweitzer, de forma incessante, a década e meia em que se desenvolveu a prolífica carreira do realizador fez-se sempre em ziguezague, entre uma prática de vanguarda e o cinema popular; sendo que o “zag popular” se manifesta na comédia, especialmente a comédia sexual. **Metzitzim** inscreve-se neste subgénero e é dos filmes do realizador que o fazem de uma forma mais auto-consciente. Talvez por isso, talvez por outro motivo qualquer, o filme teve muito pouco sucesso comercial à época (apesar de vir embalado com o sucesso televisivo do realizador-autor) sendo recuperado em meados dos anos 1980 em sessões de meia-noite, tornando-se num filme de culto quase *camp* (e, depois, através da circulação de cópias em VHS, gravadas de uma memorável exibição televisiva).

O que cativa no filme – e surpreende, há que dizê-lo – é o modo como a relação entre Gutte e Eli, ou seja, a relação entre Uri Zohar e o seu “muso”, Arik Einstein, transparece uma série de tensões (também sexuais) que não deixam de ecoar pela restante obra conjunta de ambos. A obsessão pelo olhar fetichista, no filme, traduz, sem grande subtilidade, um desejo homoafetivo entre os dois que encontra na fixação em torno da mirada uma frustração sexual que se reproduz na tentativa falhada de “sexo por interposta pessoa” na referida cena da tentativa de violação. Isto porque Gutte tenta violar Dina, exatamente porque esta tinha estado com Eli (como se ainda o transportasse consigo). Adiante algo semelhante acontece com a mulher de Eli, Mili, que se envolve com outro homem com o objetivo de reforçar no marido o desejo por ela. E, se dúvidas houvesse quanto ao subtexto homoerótico, veja-se a longa sequência em que Gutte e Eli comentam com grande entusiasmo o volume sexual de um rapaz adolescente que passa os dias a espirar mulheres junto aos chuveiros – e Zohar filma essa conversa num só plano, com a pélvis intumescida do miúdo em grande plano, ficando o “casal” em segundo plano, observando e olhando na direção do pénis/câmara, com luxúria. Era impossível ser mais explícito. Mas é nesse desnudar que **Metzitzim** revela um autor, o seu olhar e o seu método. Sob a aparência da paródia sexual, o filme apresenta Uri Zohar como o *beach bum* que ele, orgulhosamente, era. Tudo isso terminaria em 1977 quando, no pico da sua carreira e popularidade, rechaçou o seu trabalho como ator e realizador, tornando-se num rabi ortodoxo que, em 2008, impediria a exibição de **Metzitzim** na televisão pública israelita.

Ricardo Vieira Lisboa